

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Maristela Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-944-8

DOI 10.22533/at.ed.448210104

1. Ciências sociais. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Carneiro, Maristela (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea reúne capítulos que versam sobre os trânsitos da teoria à prática. Para tanto, há que se pensar em uma teoria e uma prática que estejam além do discurso descompromissado do cotidiano, afinal pensar a respeito de algo e agir sobre não são movimentos indiscutivelmente divorciados e irreconciliáveis. É evidente que entre as elaborações teóricas desenvolvidas no ambiente acadêmico e a implementação de políticas públicas robustas que efetivamente afetam positivamente as vidas das pessoas, há um longo caminho.

Dito isso, ao contrário do que sugere o senso comum, teoria e prática não são oponentes, mas apenas segmentos distintos do mesmo processo.

Sem compreender como uma sociedade se constituiu historicamente e quais são as estruturas que a governam, não é possível detectar possíveis problemas, elaborar alternativas ou proporcionar inovações. O Brasil, problema maior do qual emanam todos os dilemas menores investigados nestes textos, construiu-se ao longo de cinco séculos preservando fortes estruturas coloniais, classistas e racistas, algo que, enquanto visto como uma realidade cristalizada no passado por uma parcela privilegiada da população, ainda marca profundamente nossas negociações sociais, permanecendo muito viva nos combates cotidianos.

A presente coleção compreende trabalhos que abordam questões pertinentes ao direito e aos desdobramentos jurídicos, às políticas educacionais, às iniciativas de desenvolvimento econômico, à manutenção da saúde física e mental, à segurança pública e ao empreendedorismo. Todos estes temas, embora caracterizados por incontáveis especificidades no que diz respeito às metodologias adotadas e resultados esperados, são fundamentalmente elaborações emanadas da malha social, de tal maneira que todos devem ser contemplados por uma mirada global e complexa dos ambientes em que residimos e construímos nossas vidas coletivas.

O estudo das dinâmicas aqui expostas aponta para um desenvolvimento positivo, uma conexão mais visível e fortalecida entre o espaço acadêmico e o mundo fora dos muros das universidades ou da vida acadêmica. As pesquisas que compõem essa obra são sintomáticas de núcleos de pesquisa cujo olhar está voltado para as ruas, praças, postos de trabalho e núcleos populacionais que fazem parte de nossas vidas e demandam nossa atenção.

A vida humana, justamente por sua composição essencial e inevitavelmente social, existe em constante fluxo. Nossas existências, compulsoriamente coletivas (por mais que tentemos nos pensar autossuficientes) são caracterizadas pela mudança, e é através do estudo aprofundado e reflexivo dessas relações dinâmicas, como as investigações aqui reunidas, que podemos esperar constituir sociedades mais estáveis, inclusivas e justas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

(DES)COLONIALIDADE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E ETNORECONHECIMENTO NOS MUSEUS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E A MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEAS

Maria Amelia Souza Reis

DOI 10.22533/at.ed.4482101041

CAPÍTULO 2..... 20

A DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA NA REFORMA TRABALHISTA E SEUS IMPACTOS NO DIREITO EMPRESARIAL

Josemar da Silva Abrantes

Renata Silva Gomes

DOI 10.22533/at.ed.4482101042

CAPÍTULO 3..... 27

A GESTÃO DO CONHECIMENTO COMO AUXÍLIO À INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Felipe Pereira de Melo

Arthur Gualberto da Cruz Bacelar Urpia

Rejane Sartori

DOI 10.22533/at.ed.4482101043

CAPÍTULO 4..... 43

A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS POLICIAIS MILITARES DO ESTADO DO PARANÁ

Cristiano José Barreto

DOI 10.22533/at.ed.4482101044

CAPÍTULO 5..... 53

A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO DE (RE)SOCIALIZAÇÃO

Hillary Mariane Lapas Fujihara

Patricia Helena de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.4482101045

CAPÍTULO 6..... 68

A RECEPÇÃO E A REELABORAÇÃO DO CONCEITO DE PLANIFICAÇÃO POR GUERREIRO RAMOS (1945-1953)

Alan Caldas

DOI 10.22533/at.ed.4482101046

CAPÍTULO 7..... 83

ANÁLISE FOLHA DE PAGAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL/RN, NOS ANOS DE 2012 A 2016 – RUBRICA SALÁRIO FAMÍLIA

Clara Larissa Pinto de Araújo

Edzana Roberta Ferreira da Cunha Vieira Lucena

Erivan Ferreira Borges

DOI 10.22533/at.ed.4482101047

CAPÍTULO 8	88
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LIDERANÇA E CAPACIDADE ABSORTIVA DO CONHECIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	
Daniela de Oliveira Massad	
Daniele Santos de Oliveira Archanjo de Souza	
Andreia Maria Pedro Salgado	
Édis Mafra Lapolli	
Fernando Augusto Silva Marins	
DOI 10.22533/at.ed.4482101048	
CAPÍTULO 9	100
CAIR, LEVANTAR E RECUPERAR: RESILIÊNCIA FINANCEIRA DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES FRENTE A DESASTRES CLIMÁTICOS	
Tomas Matheus Giacomet de Oliveira	
Priscila dos Santos Schiavo	
Denis Dall'Asta	
Clóvis Fiirst	
DOI 10.22533/at.ed.4482101049	
CAPÍTULO 10	111
CERÂMICA VIVA	
Isabela Frade	
DOI 10.22533/at.ed.44821010410	
CAPÍTULO 11	124
COOPERAÇÃO TECNOLÓGICA: ALTERNATIVAS À PRODUÇÃO DE INOVAÇÃO DECORRENTE DE PESQUISAS BÁSICAS DESENVOLVIDAS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR	
Samantha Frohlich	
Eliana Cunico	
Gabriela Christ	
DOI 10.22533/at.ed.44821010411	
CAPÍTULO 12	140
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA?	
Ralph José Neves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010412	
CAPÍTULO 13	152
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E INOVAÇÃO SOCIAL NO ALTO JEQUITINHONHA – MG: OS CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO SOCIAL	
Allain Wilham Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010413	

CAPÍTULO 14	174
ELEMENTOS RELEVANTES NO PROCESSO DE COPRODUÇÃO NA PERCEPÇÃO DA EQUIPE	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010414	
CAPÍTULO 15	185
ENTIDADE ASSISTÊNCIAL: CENTRO DE REFERÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) DE SÃO JOÃO DA URTIGA	
Bruna Hariane da Costa	
Emanuel Zanandréa	
Valéria Fracaro	
Valquíria Scolari	
Willian Sbruzzi	
DOI 10.22533/at.ed.44821010415	
CAPÍTULO 16	204
ESTADO DA ARTE DA PESQUISA EM PERÍCIA CONTÁBIL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA EM ESTUDOS NACIONAIS DURANTE O PERÍODO DE 2008 A 2018	
Clara Alice Spies	
Lucimara Aparecida Zancheta	
Liliane Dalbello	
DOI 10.22533/at.ed.44821010416	
CAPÍTULO 17	226
GOVERNANÇA METROPOLITANA NA ESCALA LOCAL FRAGILIDADES, ENTRAVES E POSSIBILIDADES DOS MUNICÍPIOS DO VETOR NORTE DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE	
Natália Aguiar Mol	
Sophia Guarnieri	
Barbara Lúcia Pinheiro de Oliveira França	
Jordan de Oliveira Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010417	
CAPÍTULO 18	243
GUIA PRÁTICO DE ATENDIMENTOS EM COACHING COM FERRAMENTAS COMPORTAMENTAIS, DE PLANEJAMENTO E DE GESTÃO	
Vera Ruth de Carvalho Fidalgo	
Rilvanda Maria Pires Santos	
Caroline das Graças dos Santos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.44821010418	
CAPÍTULO 19	275
IDENTIFICAR A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EMPREGABILIDADE DOS EGRESSOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO	
Luiz Laertes de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.44821010419	

CAPÍTULO 20	297
INCLUSÃO DIGITAL EM JOGOS DIGITAIS EDUCACIONAIS: ANÁLISE POÉTICA DO JOGO SOLITAIREQUIZ	
José Roberto Cordeiro	
Luciane Maria Fadel	
DOI 10.22533/at.ed.44821010420	
CAPÍTULO 21	309
INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO: ATIVIDADE INTEGRADORA DO PLANEJAMENTO A PRÁTICA	
Fábio Teixeira Lima	
Felipe Lopes de Lima	
Gernei Goes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010421	
CAPÍTULO 22	320
MU (SEU): ESPAÇO DE CONEXÃO COM O PÚBLICO	
Aline Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.44821010422	
CAPÍTULO 23	332
NARRATIVAS DE VIDA DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÃO HUMANISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES NA AMÉRICA LATINA	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010423	
CAPÍTULO 24	346
O PAPEL DE ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL(CRAS) DE UBATÃ-BAHIA E A POPULAÇÃO ATENDIDA ENTRE 2016 E 2017	
Pricila Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010424	
CAPÍTULO 25	359
OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM EM UM PLANO DE AULA SEGUNDO O MÉTODO DA NEOAPRENDIZAGEM	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Graziela Grando Bresolin	
Patricia de Sá Freire	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010425	
CAPÍTULO 26	373
RACISMO, MACHISMO, SEXISMO NA PUBLICIDADE: UM DILEMA ENTRE A CRIATIVIDADE E O DISCURSO POLITICAMENTE CORRETO	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
DOI 10.22533/at.ed.44821010426	

CAPÍTULO 27.....	388
TÉCNICAS DE ANÁLISE DE PROJETOS DE INVESTIMENTOS – UM ESTUDO DE CASO EM UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA	
Amanda Silva Abrão	
Glória de Freitas Rocha Ribeiro	
Leôncio Campos Gouveia	
Mariana de Pádua Alves	
Marcos Roberto Alves da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44821010427	
CAPÍTULO 28.....	405
BIBLIOMETRIA COMO TRILHA DE CONHECIMENTO E PESQUISA	
Rafael Angelo Santos Leite	
Marina Bezerra da Silva	
Iracema Machado de Aragão	
Maria Emilia Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010428	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	418
ÍNDICE REMISSIVO.....	419

CAPÍTULO 23

NARRATIVAS DE VIDA DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÃO HUMANISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES NA AMÉRICA LATINA

Data de aceite: 22/03/2021

Adriana do Carmo Figueiredo

Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG) e Mestre em Estudos Literários (UFMG).

Advogada, docente e pesquisadora de Linguagens, Discurso, Teorias da Argumentação, Direitos Humanos e Hermenêutica Jurídica. É membro da Sociedade Brasileira de Retórica (SBR) e da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED).

RESUMO: O México colonial, conhecido como *Nueva España*, século XVII, revelou um grande expoente da literatura latino-americana de mulheres em suas bases discursivas. Trata-se da escritora e monja erudita Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695) que, em suas narrativas de vida, testemunhou as bases primitivas do direito humano das mulheres à educação. A proposta desta pesquisa é analisar os relatos de Sor Juana, à luz das Teorias do Texto e do Discurso, para a compreensão de princípios fundadores do direito à liberdade de expressão. Nessa análise, buscamos traçar um referencial teórico discursivo, por meio dos estudos sobre narrativas de vida propostos pela pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado (2014, 2015, 2016) em diálogo com a teoria social desenvolvida por Habermas (2000, [1985]), especialmente por meio de sua obra *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Como resultado de pesquisa, evidenciamos que a narratividade sorjuanista compõe as bases

primitivas e fundacionais das fontes jurídicas sobre o direito humano das mulheres à educação.

PALAVRAS - CHAVE: Sor Juana Inés de la Cruz. Narrativas de vida. Direito à educação.

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ LIFE NARRATIVES: HUMANIST EXPRESSION OF WOMEN'S RIGHTS IN LATIN AMERICA

ABSTRACT: Colonial Mexico, known as *Nueva España*, in the 17th century, revealed a great exponent of Latin American women's literature in its discursive bases. It is the scholarly writer and religious woman Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695) who, in her life narratives, witnessed the primitive foundations of women's human right to education. The purpose of this research is to analyze the reports of Sor Juana, in the light of the Theories of Text and Discourse, to understand the founding principles of the right to freedom of expression. In this analysis, we seek to trace a theoretical discursive framework, through studies on life narratives proposed by Brazilian researcher Ida Lucia Machado (2014, 2015, 2016) in dialogue with the social theory developed by Habermas (2000, [1985]), especially through his book *The Philosophical Discourse of Modernity: Twelve Lectures*. As a result of the research, we have shown that the Sorjuanist narrative forms the primitive and foundational bases of the legal sources on the human right of women to education.

KEYWORDS: Sor Juana Inés de la Cruz. Life narratives. Right to education.

PALAVRAS INICIAIS

Esta pesquisa sobre as narrativas de vida da monja-intelectual mexicana Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695) é fruto da minha trajetória acadêmica, especialmente, do meu Doutorado em Estudos Linguísticos, concluído em 8 de outubro de 2020, pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O propósito deste estudo é analisar as narrativas de vida dessa religiosa erudita que viveu no contexto do México colonial, no século XVII, conhecido como Nueva España. Destaco que o sintagma “narrativas de vida” chegou até nós por meio das teorias da Análise do Discurso propostas pela pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado (2014, 2015, 2016), com a dimensão de diferentes materialidades discursivas que revelam a discursividade do ser-que-se-narra.

Assim, nos objetivos traçados para este texto, buscarei demonstrar a relevância da história de vida de Sor Juana para a defesa dos direitos humanos das mulheres à educação, ao conhecimento e à liberdade de expressão no contexto latino-americano. Além disso, é objetivo desta pesquisa refletir sobre os relatos de vida sorjuanistas como fontes jurídicas que revelam as origens do Direito, por meio dos discursos literários narrativos. Pensar esse diálogo entre Direito, Literatura e Discurso é, sem dúvida, um grande desafio para os juristas da contemporaneidade, em sua maioria, herdeiros de uma tradição positivista que os impede de remover os limites epistemológicos na construção ética da reflexão histórica que envolve o Direito em sua perspectiva transdisciplinar.

Como metodologia de pesquisa, optamos pelo método qualitativo com as técnicas da Análise do Discurso aplicadas à narratividade dos testemunhos sorjuanistas e ao contexto histórico-cultural em que viveu a monja mexicana. O marco teórico foi assim construído com o suporte discursivo sobre narrativas de vida, extraído especialmente da obra *Reflexões sobre uma corrente da Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida*, publicada em 2016, pela pesquisadora Ida Lucia Machado.

Essas reflexões sobre o sujeito-que-se-narra nos conduziram a traçar um diálogo hermenêutico contemporâneo, por meio da Teoria Social de Habermas (2000, [1985]) desenvolvida em sua obra *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*, em que buscamos compreender a noção de “reificação da sociedade” como uma espécie de coisificação da ação. Essa visão social do sistema, como reificação das estruturas simbólicas do mundo da vida, nos parece ser o pano de fundo da crítica sorjuanista referente à imposição das restrições dos estudos pela Igreja do período colonial.

Com esse cruzamento teórico, construímos a nossa percepção histórico-narrativa dos direitos humanos como horizonte fecundo que deixa pegadas sobre relatos de lutas humanas pela igualdade. Trata-se de uma memória discursiva nem sempre legitimada pelas instâncias de poder. As narrativas de Sor Juana nos parecem revelar o pressuposto

de uma racionalidade comunicativa mediada pela linguagem, com vistas a um consenso sobre a amplitude do direito à educação.

As bases dos direitos humanos, nessa perspectiva discursivizada, nos parecem um reflexo referencial dos discursos da arte y da literatura que, com suas metáforas e símbolos do passado, reconstróem realidades por meio do compartilhamento de sentidos e suas variadas formas de manifestação. Entendemos que a arte, especialmente aquela proveniente das colônias, é berço das lutas pela igualdade, especialmente, quando refletidas nos direitos humanos das mulheres na América Latina. Essa arte, erguida entre as paredes silenciosas dos conventos, nos convida a refletir sobre a dimensão fundacional do pensamento humanista em suas bases mais primitivas, como expressão primeira e identitária dos povos colonizados.

NOTAS SOBRE NARRATIVAS DE VIDA: AS FONTES SORJUANISTAS DO DIREITO À EDUCAÇÃO

O conceito de narrativa de vida (*récit de vie*) originou-se nas Ciências Sociais e teve como precursores dois sociólogos da Escola de Chicago, William Thomas e Florian Znaniecki, autores da obra *The Polish peasant in Europe and America: monograph of an immigrant group*, de acordo com Carvalho (2016). Na França, essa abordagem metodológica foi desenvolvida, posteriormente, pela perspectiva do sociólogo Daniel Bertaux (1997), com base em sua visada etnossociológica, que se propunha a

[...] estudar um fragmento particular de realidade social-histórica, um objeto *social*; compreender como ele funciona e como ele se transforma, ressaltando as configurações das relações sociais, os mecanismos, os processos, as lógicas de ação que o caracterizam (BERTAUX, 1997, p. 7, tradução nossa, itálico do autor)¹.

Carvalho (2016) esclarece que esse “[...] fragmento particular de realidade social-histórica”, definido por Bertaux (1997, p. 7),

[...] corresponde a um determinado grupo de pessoas inseridas em um mesmo universo profissional. Tais pessoas vivem, de certo modo, situações sociais semelhantes e compartilham não só as habilidades necessárias para desempenhar suas funções, mas compartilham também modos de divisão do trabalho, valores e crenças. Bertaux (1997) denomina tais fragmentos de “mundos sociais” (CARVALHO, 2016, p. 23).

Dessa forma, Bertaux (1997) propõe uma metodologia que tem como ponto de partida a interação face a face entre o pesquisador e o entrevistado. Os participantes são convidados a narrar sua vida ou partes dela, destacando determinados aspectos, conforme as orientações indicadas pelo pesquisador. Para se referir a essa prática metodológica, o

¹ No original: [...] étudier un fragment particulier de la réalité social-historique, un objet social; de comprendre comment il fonctionne et comment il se transforme, en mettant l'accent sur les configurations de rapports sociaux, les mécanismes, les processus, les logiques d'action qui le caractérisent.]

sociólogo propõe a expressão *récit de vie*, ou relato de vida, em língua portuguesa.

A proposta de Bertaux (1997) nos parece coerente para os estudos de relatos orais, escritos e testemunhais, que se desenvolvem com base no percurso vivido de pessoas que expuseram suas lutas e seus pontos de vista na defesa de direitos. Com base na narratividade dessas vozes discursivas, extraímos eventos, ações, provas testemunhais e interações diversas entre diferentes núcleos sociais. Dessa forma, as narrativas de vida da escritora mexicana Sor Juana Inés de la Cruz se apresentam como espelho da sua experiência vivida na colônia mexicana, momento em que o direito das mulheres ao conhecimento sofria sérias restrições, em razão das determinações da Igreja seiscentista.

Relatos ou histórias de vida também se fazem presentes em outras disciplinas, tais como a História, a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia. Na Análise do Discurso, o *récit de vie* foi inaugurado, como metodologia e campo teórico, graças aos trabalhos desenvolvidos pela pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado. Por meio dos seus projetos vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), Machado trouxe a sua contribuição sobre as narrativas de vida para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG (PosLin).

De acordo com Figueiredo (2020):

A abordagem de Machado sobre o sintagma “narrativa de vida” tem sua origem com base na tradução que fez do termo *récit de vie*, proposto por Bertaux (1997), e na leitura do livro *Storytelling*, do pesquisador francês Salmon (2007). Ao que parece, este livro aborda a relevância da narrativa em nossas vidas, como estratégia de captação de diferentes interlocutores em contextos diversos (FIGUEIREDO, 2020, p. 68).

Assim, tendo em vista a expressividade desse ser-que-se-conta, nos interessa compreender a narrativa em si, com suas múltiplas estratégias languageiras, algumas vezes conscientes e outras nem sempre. Em outras palavras, “[...] preocupa-nos a prática narrativa com tudo o que ela implica: o fato de contar algo enquanto representação do mundo, do outro, das interações desse sujeito com o mundo e a relação que ele mantém com sua narrativa (MACHADO, 2014, p.1132).

Conforme mencionado no início deste texto, o *récit de vie* de Sor Juana foi analisado, em profundidade, na minha tese de doutorado, intitulada “Narrativas de vida de Antígona (Sófocles), Sor Juana e Olympe de Gouges: a Justiça no divã da Análise do Discurso”, defendida no dia 8 outubro de 2020, pelo programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), na Faculdade de Letras da UFMG. De acordo com as minhas pesquisas, as narrativas da intelectual mexicana Juana Inés são fundamentais para a compreensão das origens do direito da mulher latino-americana à educação e à liberdade de expressão.

Essa perspectiva norteou a análise discursiva do corpus selecionado, pois pude comprovar que a voz sorjuanista desafiou o seu tempo. Embora erguida sob os véus

monásticos da clausura, Sor Juana é um ícone que simboliza a liberdade de expressão e o desejo de conhecimento. Com seus testemunhos de vida, ela criou uma retórica-argumentativa-persuasiva com a finalidade de questionar os dogmas da Igreja Católica seiscentista, no que tange à censura e à proibição de participação da mulher na vida pública. Importante destacar que as lutas de Juana Inés brotaram no contexto de uma cidade letrada² que emergia na colônia novo-hispânica, onde intelectuais, escritores e poetas eram respeitados, principalmente, pelos vice-reis que participavam de tertúlias literárias.

O direito à educação pertence aos chamados direitos sociais que se configuram com base nos princípios da liberdade e da igualdade entre as pessoas. Esse direito traz como reflexo a expressão reitora do humanismo e, por isso, é determinante para o Estado Democrático de Direito, que tem como fundamento a dignidade da pessoa humana.

Sem dúvida, indagar sobre as origens do direito das mulheres à educação é uma importante fonte sociológica, dado que as origens do pensamento jurídico brotam de fatos sociais e de reflexões intelectuais que se fizeram ao longo das práticas discursivas da humanidade.

No entanto, como fato notório na historiografia sorjuanista, essa militância feminina sofreu as ameaças impostas pelo peso silenciador da Inquisição que controlava a vida cultural seiscentista, especialmente, por meio dos seus censores mais próximos: o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, e seu confessor, padre Núñez de Miranda. Essa tentativa de silenciamento nos parece ter sido relevante para a projeção de Sor Juana como uma figura feminina contestadora, conforme se fixou no imaginário coletivo da América hispânica.

Mesmo com as ameaças da Inquisição e com as determinações ou censuras, impostas pelos eclesiásticos da Nova Espanha, comprovamos, em nossa pesquisa, que a voz de Sor Juana sobreviveu ao peso da tentativa de silenciamento. Esse fato nos parece mais claro se considerarmos que os 4 (quatro) tomos de suas obras literárias foram publicados, uma parte na época em que viveu, e outra, após a sua morte. Sem dúvida, a voz de Juana Inés eternizou-se, em sua produção discursivo-literária, e sobreviveu às mordidas do seu tempo.

BREVE RESGATE DAS NARRATIVAS DE VIDA DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ

A infância de Juana Inés foi marcada pelo seu afã de conhecimento e seu desejo de mergulhar no universo das letras. Desse modo, Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana passou sua infância na fazenda do seu avô, entre Amecameca, Yecapixtla, Panoaya e Nepantla. Nesse local, havia uma biblioteca, onde Juana passava horas absorva

² A respeito da sociedade colonial novo-hispânica e de suas relações com a cidade letrada seiscentista, cf.: RAMA (1985), FIGUEIREDO (2017).

em leituras.

Foi nessa fazenda que Juana teve seu primeiro contato com as letras. Ao descobrir a biblioteca de seu avô, o gosto pela leitura rapidamente despertou a sua curiosidade e o seu interesse. A paixão pelo universo das letras era tão grande que ela aprendeu a ler e escrever antes de completar seus três anos de idade. Aprendeu náuatle, com os nativos que ali viviam como escravos, e observou, escondida de sua mãe, algumas lições que sua irmã mais velha recebia de uma mentora, como relata em sua *Respuesta a Sor Filotea*, epístola escrita em 1691:

Prosseguindo na narração de minha inclinação, de que quero dar-lhes inteira notícia, digo que não havia cumprido os três anos de minha idade, quando minha mãe me enviou a uma irmã minha, mais velha que eu, para que uma das que chamam Amigas lhe ensinasse a ler. O carinho e a travessura também foram comigo e, vendo que a davam lição, acendeu-me o desejo de saber ler de tal maneira que, enganando à mestra, a meu juízo, disse-lhe que minha mãe ordenava que me desse lição (CRUZ, 1995³, p. 445, tradução nossa)⁴.

Quando a voz sorjuanista enuncia que prosseguirá na narração de sua “inclinação (para as letras)”, tema sobre o qual deseja dar-nos “inteira notícia”, percebemos que as narrativas de vida, conforme propõe Machado (2016), constituem-se em discursos reveladores de uma prática social documentada pela força discursiva. O sujeito-que-se-narra parece debruçar-se na construção de uma inscrição discursiva que se funda nessa perspectiva de uma práxis social, documentando as condições de vida que modelaram uma forma de agir no mundo. Trata-se de um exercício de rememoração, em que várias vozes discursivas (diferentes “eus”) se entrecruzam para a revelação da totalidade de um mundo vivido pelo olhar daquele que se narra.

Nesse sentido, a narrativa de vida está, portanto,

[...] ligada ao exercício da memória de quem a concebe. A memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes “falam” de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo participou de uma forma ou de outra (MACHADO, 2016b, p. 122, aspas da autora).

Acreditamos que os relatos de vida transitam entre aquilo que foi vivido e sua *mise en récit* e, por isso, compreendem inúmeras formas de narratividade, como memórias, avaliações e julgamentos dos fatos vividos e/ou narrados por diferentes “eus”. Nas narrativas de Juana Inés, notamos que o sujeito-narrador se desloca para fases diferentes

3 Conforme afirmamos, a Carta Respuesta a Sor Filotea foi escrita em 1691. Estamos empregando, em nossa pesquisa, uma edição de 1995, por isso usaremos essa marca temporal nas citações dessa epístola.

4 No original: [Prosiguiendo en la narración de mi inclinación, de que os quiero dar entera noticia, digo que no había cumplido los tres años de mi edad cuando enviando mi madre a una hermana mía, mayor que yo, a que se enseñase a leer en una de las que llaman Amigas, me llevó a mí tras ella el cariño y la travesura; y viendo que la daban lección, me encendí yo de manera en el deseo de saber leer, que engañando, a mi parecer, a la maestra, la dije que mi madre ordenaba me diese lección.]

de sua história de vida. Para esse deslocamento, são convocadas vozes da sua infância, adolescência, fase adulta e outras identidades que assumiu ao longo de sua trajetória de vida.

É como se esse sujeito evocasse as suas próprias memórias e as colocasse como argumentatividade para justificar as escolhas que fez. Desse modo, tudo parece orquestrado na carta *Respuesta* para que leitores, de diferentes épocas da história, tenham acesso àquilo que Juana pretende dar como “inteira notícia” do universo vivido. Há, portanto, uma organização dos fatores que garantem a veracidade dos fatos narrados revelados pelos percursos da memória.

Desse modo, o sujeito linguageiro representado por Juana Inés, já em sua fase adulta como monja jerônima, convoca, inicialmente, as memórias de sua infância, como testemunho do seu projeto de vida, qual seja, dedicar-se aos estudos, ainda que isso implicasse práticas de “travessura”. Nesse momento, é possível reconhecer que Juana Inés delimita em seu projeto de fala a origem de sua “inclinação” e reforça que esse desejo pelo conhecimento não surgiu da noite para o dia, mas, sim, trata-se de um afã que a tem acompanhado desde criança. Em suas próprias palavras, trata-se de

[...] um amor à verdade que, desde que me raiou a primeira luz da razão, foi tão veemente e poderosa a inclinação às letras, que nem mesmo as repreensões alheias - que tive muitas-, - nem as próprias reflexas, que fiz não poucas -, bastaram a que deixasse de seguir esse natural impulso que Deus pôs em mim [...] (CRUZ, 1995, p. 444, tradução e grifos nossos)⁵.

O “amor à verdade” parece compor a identidade fundante dessa voz feminina que se constrói discursivamente ao resgatar as justificativas do seu impulso pelas letras. O sujeito linguageiro Juana Inés deixa claro que esse aspecto, a princípio patêmico, é identificado pelas luzes das teias da razão, marca da escrita sorjuanista, conforme mostraremos ao longo da nossa análise.

Dessa forma, a declaração de Juana Inés a respeito da sua paixão pelo conhecimento e pelas letras, como um desejo que brotou desde o momento em que “raiou a primeira luz da razão”, nos parece relevante para compreendermos o projeto de racionalidade que se deixa entrever em suas narrativas. Essa percepção do sujeito-narrador nos faz lembrar a proposta de Habermas (2000, [1985]) sobre *O discurso filosófico da Modernidade*, em que o autor teoriza sobre a defesa de uma razão nos limites de sua precariedade. Vejamos como isso acontece.

Segundo Habermas (2000), existe um impulso social que “[...] serve apenas para propagar universalmente a dominação da razão calculadora, já ancorada antropológicamente nas estruturas do trabalho” (HABERMAS, 2000, p. 315). Esse impulso conduz ao que ele

⁵ No original: [Lo que sí es verdad que no negaré (lo uno porque es notorio a todos, y lo otro porque, aunque sea contra mí, me ha hecho Dios la merced de darme grandísimo amor a la verdad) que desde que me rayó la primera luz de la razón, fue tan vehemente y poderosa la inclinación a las letras, que ni ajenas reprensiones --que he tenido muchas--, ni propias reflejas --que he hecho no pocas--, han bastado a que deje de seguir este natural impulso que Dios puso en mí].

define como “reificação da sociedade”. O conceito de “reificação” pode ser compreendido, de forma sintética, como uma espécie de coisificação da ação. Trata-se de um processo em que a condição de subjetividade se torna um elemento coisificado, e tudo passa a ter uma expressão que se configura pela noção de mercadoria. A tendência à “[...] reificação da sociedade remonta a épocas arcaicas e estende-se, para além do capitalismo, até o futuro do socialismo burocrático, que cumprirá o testamento do processo histórico-universal de desencantamento”, conforme afirma Habermas (2000, p. 316).

As narrativas de vida de Sor Juana parecem criticar, a todo instante, essa tendência de “reificação da sociedade”. Há uma crítica, nem sempre velada, à alienação do sujeito colonizado tanto em relação ao mundo quanto sobre si mesmo. Dessa forma, a voz sorjuanista parece reivindicar uma racionalidade que faça sentido pelo “amor à verdade”, logo, liberta de uma razão instrumental ou funcionalista que define comportamentos para fins utilitaristas dentro de um projeto social.

Desse modo, a voz de Juana Inés sugere certa desconfiança na razão subjetiva que molda comportamentos e objetos pensados. Essa percepção torna-se mais clara quando analisamos a carta *Respuesta a Sor Filotea* como documento de autodefesa da intelectual mexicana perante a Igreja, que a havia acusado de ser uma monja profana, por não se dedicar à vida religiosa como deveria.

Durante a sua narrativa em defesa da vida e da atividade constitutiva do sujeito pensante, a voz de Juana Inés indica que existem limitações no campo do saber, e ela, como monja jerônima, não estaria disposta a criar “ruído com o Santo Ofício” (CRUZ, 1995, p. 444, tradução nossa). Desse modo, ao se defender das acusações da Igreja, questiona:

Que entendimento tenho eu, que estudo, que materiais, ou mesmo que notícias para tanto, senão quatro bacharelados artificiais? Deixem isso para quem o entender, que eu não quero rumor com o Santo Ofício, que sou ignorante e tremo de dizer alguma proposição inconveniente ou distorcer a genuína inteligência de algum lugar. Eu não estudo para escrever, nem tampouco para ensinar (que seria em mim desmesurada soberba), mas somente para ver se, estudando, ignoro menos. Assim o respondo e assim o sinto (CRUZ, 1995, p. 444, tradução e grifos nossos)⁶.

No fragmento citado, percebemos que Juana Inés reconhece que há uma “[...] genuína inteligência de algum lugar” (CRUZ, 1995, p. 444, trad. nossa), e sua racionalidade parece não a alcançar. Essa voz também declara a sua preocupação com uma comunicação distorcida e diz que “[...] treme de dizer alguma proposição inconveniente” que possa “distorcer” (CRUZ, 1995, p. 444, trad. nossa) essa “genuína inteligência”. Sem dúvida, essa declaração não se desloca da discursividade irônica que a acompanha, estratégia

6 No original: [¿Qué entendimiento tengo yo, qué estudio, qué materiales, ni qué noticias para eso, sino cuatro bachillerías superficiales? Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Oficio, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar. Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar (que fuera en mí desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos. Así lo respondo y así lo siento.]

linguística bastante empregada por Juana Inés para dizer suas verdades, em meio às sombras da censura que rodeavam a sua produção intelectual.

Assim, a sua narrativa de vida, assinada com os enunciados “Assim o respondo e assim o sinto” (CRUZ, 1995, p. 444, trad. nossa), indica, nas circunstâncias de sua narratividade, que o fundamento último do saber é o próprio sujeito pensante. O foco do seu relato de vida, portanto, parece apontar para a ideia de que o fundamento do conhecimento não é o mundo como existe no universo das coisas pensadas, mas sim aquilo que o sujeito, na sua *práxis* humana e discursiva, apreende do mundo. Desse modo, Juana Inés questiona que as normas existentes dependem da forma como o sujeito as define. Por isso, estudar implica “ignorar menos”, pois é o próprio sujeito pensante que constitui o mundo e não o contrário, como pretende argumentar o poder eclesiástico.

Esse ideário de “inteligência presente em algum lugar”, conforme apontado por Juana Inés, parece indicar uma crítica à problematização que emana da razão subjetiva. Segundo Habermas (2000), existe uma razão objetiva, além daquela definida como subjetiva, que reivindica a autonomia em face do sujeito pensante. Acreditamos que a voz discursiva de Juana Inés parece transitar em uma proposta de humanidade racional que reivindica esse espaço de um sujeito pensante que deseja “estudar para ignorar menos”.

Em suas narrativas, a voz sorjuanista proclama a necessidade de uma autonomia racional como fundamento de validade do seu discurso em defesa do conhecimento. Essa convocatória discursiva é o argumento central que parece compor as suas narrativas de vida em sua carta *Respuesta a Sor Filotea*, documento que explicita a sua recusa à arbitrariedade subjetiva do poder eclesiástico e indica as bases valorativas do agir que a guiará em seu projeto de vida.

Para Habermas (2000), a razão subjetiva gera uma certa desconfiança em função de uma categoria que denomina como “agente colonizador”. Nessa esteira, o sujeito pensante racional parece ter em seu projeto de fala o desejo de dominar a natureza e instrumentalizar a cultura. Nas palavras de Habermas:

A razão deve se deixar criticar em suas figuras históricas a partir da perspectiva do outro excluído por ela; mas, então, torna-se indispensável um ato último de auto-reflexão que se suplante a si mesmo, mais exatamente, um ato de razão em que o lugar do genitivo subjetivo deveria ser ocupado pelo outro da razão. A subjetividade como auto-relação do sujeito cognoscente e agente apresenta-se na relação binária da auto-reflexão (HABERMAS, 2000, p. 429, preservamos a grafia original).

O sujeito narrador, incorporado pela voz de Juana Inés, propõe questionar a cultura herdada ou imposta pelos sistemas de poder que colonizam o mundo da vida. Segundo Habermas (1999, ([1981])), podemos definir o mundo da vida como se fosse um depósito de sentido que se instaura numa teia de significações. Trata-se de sentidos compartilhados ao longo da história e que permanecem acomodados de maneira não refletida. O mundo da

vida permite que orientemos a nossa ação para um agir comunicativo.

Esse questionamento da cultura herdada torna-se claro em várias passagens das narrativas de Juana Inés e indica o seu agir ao longo da sua trajetória de vida. Com o objetivo de conquistar o acesso às letras, por exemplo, a voz sorjuanista resgata as suas memórias de infância para revelar o seu questionamento apriorístico a respeito do direito ao acesso às universidades. Desse modo, para romper com a submissão e obediência servil aos homens, Juana Inés conta que, entre seis a sete anos, suplicou a cumplicidade da sua mãe para vesti-la como menino e enviá-la à Universidade⁷. Em suas palavras:

Lembro-me de que, nestes tempos, sendo minha guloseima preferida a que é comum naquela idade, abstinha-me de comer queijo, porque ouvi dizer que provocava rudeza, e dominava-me o desejo de saber mais que o de comer, ainda que este fosse tão poderoso nas crianças. Tendo eu depois por volta de seis ou sete anos, e sabendo já ler e escrever, ademais de estar habilitada em todos os outros labores e costuras que aprendem as mulheres, ouvi dizer que havia Universidade e Escolas, nas quais se estudavam as ciências no México; e assim que me dei conta disso, comecei a matar a minha mãe com frequentes e inoportunas súplicas de que, mudando-me o traje, enviássem-me ao México, à casa de uns parentes que tinha para estudar e cursar a Universidade; [...] (CRUZ, 1995, p. 445-446, tradução nossa)⁸.

No fragmento destacado, notamos que o sujeito pensante Juana Inés parece ter uma consciência da necessidade de instrumentalizar estratégias sociais para que pudesse transcender à categoria do feminino absoluto, imposto pela sociedade patriarcal, restrito ao espaço privado pertencente à família e às tarefas domésticas. Nesse momento, percebemos que a voz sorjuanista busca em suas memórias o regaste das lutas que travou contra os sistemas de poder. Dessa forma, o questionamento à cultura patriarcal, construída e herdada pela sociedade de sua época, sempre esteve presente em suas formas de agir no mundo. Um agir que parece ancorado na comunicação, ou melhor dizendo, na tentativa de compartilhar sentidos com a vozes que faziam parte da sociedade em que viveu.

Com suas memórias narradas, Juana Inés parece reivindicar a dignidade dos objetos pensados como, por exemplo, o sistema educacional. Por isso, sugere que o direito ao acesso à universidade não deveria se restringir apenas aos homens, pois lá é o espaço legitimado, onde “[...] se estudavam as ciências no México” (CRUZ, 1995, p. 445-

7 Importante comentar que a Real y Pontificia Universidad de México, espaço acadêmico reservado aos homens, foi erguida em 21 de setembro de 1551 e inaugurada em 25 de janeiro de 1553, durante o antigo vice-reinado da Nova Espanha, sob o comando de Felipe II. Acreditamos que essa atmosfera acadêmica que fez parte da história embrionária do México, no século XVI, foi relevante para a cidade letrada que se ergueu no período colonial em que viveu Sor Juana e, em certa medida, influenciou o ambiente intelectual que se constituiu dentro do convento jerônimo onde ela esteve.

8 No original: [Acuérdome que en estos tiempos, siendo mi golosina la que es ordinaria en aquella edad, me abstenia de comer queso, porque oí decir que hacía rudos, y podía conmigo más el deseo de saber que el de comer, siendo éste tan poderoso en los niños. Teniendo yo después como seis o siete años, y sabiendo ya leer y escribir, con todas las otras habilidades de labores y costuras que deprenden las mujeres, oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciencias, en Méjico; y apenas lo oí cuando empecé a matar a mi madre con instantes e importunos ruegos sobre que, mudándome el traje, me enviase a Méjico, en casa de unos deudos que tenía, para estudiar y cursar la Universidad; [...]].

446, trad. nossa). Entrar para a universidade, na concepção de Juana Inés, parece ser um desafio que implica sacrifícios. Por isso, o sujeito-narrador destaca que esse acesso ao conhecimento vem alinhado à abdicação de certos prazeres. A metáfora do queijo, explicitada no fragmento citado, entre outros sentidos, sugere uma renúncia de se comer aquilo de que se gosta e parece ilustrar que para o sujeito pensante, questionador da cultura patriarcal herdada, não existe aquisição de conhecimento sem dor.

Pensar e construir uma racionalidade comunicativa, capaz de questionar os objetos pensados, é uma tarefa inevitavelmente dolorosa. É nesse momento que o sujeito racional sorjuanista parece começar a construir a sua identidade intelectual-discursiva. Assim, esse sujeito está disposto a fazer qualquer sacrifício, desde que isso o leve ao conhecimento e ao conseqüente acesso às letras. Juana Inés narra que sua mãe não atendeu ao seu pedido de vesti-la como menino para entrar na universidade. Então, diante do seu propósito de criar mecanismos de acesso às letras, comenta que

[...] eu satisfiz meu desejo lendo muitos livros diferentes que tinha meu avô, sem que bastassem castigos nem repreensões para estorvar-me a intenção; de maneira que, quando vim ao México, admiravam-me, não tanto pela mente engenhosa, mas sim pela memória e conhecimentos que eu já tinha naquela idade, embora parecesse que somente havia tido tempo para aprender a falar (CRUZ, 1995, p. 446, tradução nossa)⁹.

No fragmento citado, Juana Inés explicita o espaço discursivo de onde fala, ou seja, aquele que é proveniente da biblioteca do seu avô e da variedade dos livros encontrados lá. Essa lógica espacial indica que o seu aprimoramento intelectual configura-se como desejo de autorrealização aflorado desde que lhe “raiou a primeira luz da razão”, conforme afirmamos. Nessa percepção de si mesma, o sujeito linguageiro, incorporado por Juana Inés, assume a sua identidade social-discursiva e posiciona-se, frente ao outro, para se definir como uma menina-mulher que pretende seguir adiante com o seu projeto de vida, diferente daquele que lhe foi imposto pela sociedade da época.

Importante recordar que as narrativas de Sor Juana brotam do interior da vida colonial, em que arcebispos, inquisidores, poetas e vice-reis compunham o seletivo núcleo de seus leitores e censores. Acreditamos que, sem dúvida, alguns desses temíveis leitores influenciaram a produção literária da Fênix mexicana, assim como seus admiradores.

Desse modo, Juana Inés tece as suas narrativas de vida como um projeto pessoal de defesa das suas ideias, revelando os valores do seu mundo e os conflitos inerentes a sua identidade questionadora desses valores. Machado (2016) esclarece que “[...] os *seres-falantes* que assumem as *narrativas-de-si* buscam nelas definir suas identidades ao expor suas crenças e o olhar que têm sobre o mundo no qual vivem” (MACHADO, 2016a,

9 No original: [ella no lo quiso hacer, e hizo muy bien, pero yo despiqué el deseo en leer muchos libros varios que tenía mi abuelo, sin que bastasen castigos ni reprensiones a estorbarlo; de manera que cuando vine a Méjico, se admiraban, no tanto del ingenio, cuanto de la memoria y noticias que tenía en edad que parecía que apenas había tenido tiempo para aprender a hablar.]

p. 30). Assim, a voz narrativa de Juana Inés parece explicitar espaços de construção da sua identidade, com base na mobilização de uma memória social-afetiva, que é sempre atualizada e redimensionada no âmbito da discursividade das práticas narrativas.

Foi com esse acervo erudito que Juana Inés obteve a admiração da corte e a aliança com os vice-reis. Essa demonstração de conhecimento provocou também a curiosidade e inveja do corpo eclesiástico colonial. De acordo com Octavio Paz (1998), a figura de Juana Inés despertava uma espécie de sedução decorrente da sua intelectualidade e beleza. Por isso, o seu confessor jesuíta, Antonio Núñez de Miranda, a orientou a entrar na vida monástica, fugindo, assim, do provável destino como cortesã, dado que ela não queria casar-se, conforme modelo de sua época. Nas palavras do jesuíta:

Havendo conhecido [...] sua erudição singular com sua não pouca formosura, atrativos para a curiosidade de muitos, que desejariam conhecê-la e seriam felizes cortejando-a, costumava eu dizer que não podia Deus enviar calamidade maior a este reino que permitir que Juana Inés se tornasse a personalidade do século (MIRANDA, *apud* PAZ, 1998, p. 15).

A história de vida de Juana Inés indica que os temores do padre Núñez concretizaram-se, pois ela se tornou “a personalidade do século”, embora de uma maneira não prevista por ele.

Seguindo as orientações do seu confessor, Juana entra, inicialmente, como noviça na ordem de *San Juan de las Carmelitas Descalzas*. Estudiosos comentam que se tratava de uma ordem severa, e Juana Inés não se adaptou, por isso, logo retirou-se do convento por razões de saúde. No entanto, o rigor da vida monástica não a desanimou e, um ano e meio mais tarde, ela ingressa no *Convento de San Jerónimo*, onde professou os votos perpétuos em 24 de fevereiro de 1669, quando tinha 21 anos de idade, passando a adotar, portanto, o nome de Sor Juana Inés de la Cruz.

Dessa forma, nesse espaço monástico, o ícone literário conhecido como Fênix do México surge e ganha respaldo na cidade letrada colonial e na corte espanhola. Os ecos de sua história ainda se tornam presentes na contemporaneidade das lutas femininas pelo direito à educação e ao conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três séculos após a publicação dos discursos de Sor Juana Inés de la Cruz, em defesa do acesso da mulher aos estudos, nota-se, ainda em tempos atuais, certa complexidade no que se refere à forma idealizada da educação de meninas e jovens na sociedade brasileira¹⁰. Assim, o direito fundamental à educação, amparado por normas nacionais e internacionais, revela uma conjuntura espaço-temporal que nos faz lembrar

10 Recentemente, a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damara Alves, disse que o ensino domiciliar é defendido pelo governo do presidente Jair Bolsonaro e é um “apelo da família brasileira”. Cf.: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-ensino-domiciliar-e-um-apelo-da-familia-brasileira-diz-damaraes/>>. Acesso em: 30 set. 2019.

sobre a nossa posição, como mulheres, dentro de um contexto pós-colonial¹¹.

Pensar a conquista do direito das mulheres à educação e ao conhecimento como fonte histórica do Direito é, portanto, uma trajetória desafiadora, marcada por sombras, lutas, revoluções e denúncias de mulheres, como Juana Inés, que protagonizaram a tentativa de censura imposta pelo poder hegemônico.

Evocar, então, as narrativas de vida de Sor Juana e seu mundo, com base nas teorias desenvolvidas por Machado (2014, 2015, 2016), é rememorar um passado importante para a compreensão das nossas próprias memórias discursivas e dos imaginários socioculturais reveladores da nossa identidade linguístico-cultural. Recordemos que é por meio do compartilhamento de sentidos e da interação, simbolicamente mediada pela linguagem, perspectiva de Habermas (1999), que as normas sociais são reafirmadas.

Acreditamos que Juana Inés buscou defender, em seu tempo, um certo consenso de valores sobre a mulher e sua relação com as letras. Por isso, criticou a moldura definida pela sociedade reificada e as limitações impostas ao sujeito colonizado. Sor Juana buscou a construção argumentativa do direito das mulheres à educação, por meio da tentativa de uma racionalidade comunicativa orientada para o entendimento. Por isso, os rastros de suas lutas se reavivam nas memórias discursivas da própria trajetória histórica latino-americana.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Collection 128. Paris: Nathan, 1997.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, 1988*. Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pela emenda constitucional nº 108 de 26 de agosto de 2020. Brasília: Senado Federal. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 19 jan. 2021.

CARVALHO, Aline Torres Sousa. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a narrativa de vida. In: MACHADO, I, L.; melo, M. S. S. (Orgs. *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso* [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 21-42.

CRUZ, Sor Juana Inés de la. *Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz IV – Comedias, Sainetes y Prosa*, v. IV. Edición de Alberto G. Salceda. México: FCE, 1995.

FIGUEIREDO, Adriana do Carmo. Entre os claustros do convento e a cidade letrada: narrativas de vida de Sor Juana Inés de la Cruz. In: MELO, Mônica Santos Souza (Org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

¹¹ Importante lembrar que, em muitas regiões do Brasil, as crianças trabalham para ajudar no sustento da família e, por esse motivo, não são incentivadas aos estudos e à dedicação das tarefas escolares.

FIGUEIREDO, Adriana do Carmo. *Narrativas de vida de Antígona (Sófocles), Sor Juana e Olympe de Gouges: a Justiça no divã da Análise do Discurso*. Orientadora: Dra. Ida Lucia Machado, 2020. 300 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos PosLin). Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Trad. Luiz Sérgio Repa. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la Acción Comunicativa, I – racionalidad de la acción y racionalización social*. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, S. A., 1999.

MACHADO, Ida Lucia. A Narrativa de vida como materialidade discursiva. IN: *Revista da ABRALIN*, Curitiba, BDP / UFPR, v. 14, N. 2, p. 95-108, 2015. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/42557>>. Acesso em: 10 jul.2018.

MACHADO, Ida Lucia. Narrativa de vida: um espaço para liberação das vozes femininas? In: MACHADO, I.L.; SANTOS, J.B.C.; NUNES DE JESUS, S. (org.) *Análise do discurso*. Afinidades epistêmicas Franco-Brasileiras. Curitiba: Editora CRV, 2016a, p.29-54.

MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, I.L. e MELO, M.S.S. (org.). *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016b, p. 121-138. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nad>>. Acesso em: 30 out. 2017

MACHADO, Ida Lucia. O prefácio visto como uma prática discursiva em que diferentes vidas e obras se entrecruzam. *Revista GEL*, Campinas/SP, volume 43, série 3, p. 1129-1139, dezembro 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/511>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MACHADO, Ida Lucia. *Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. 1. ed. Coimbra: Grácio Editor, 2016c.

PAZ, Octavio. *Sóror Juana Inés de la Cruz – As armadilhas da fé*. 2. ed. São Paulo: Editora Mandarin, 1998.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Econômico-financeira 83
Aprendizagem Organizacional 88, 89, 136, 361
Atividade Física 43, 44, 46, 47, 48, 51
Auditoria 83, 84, 86, 190

C

Capacidade Absortiva 7, 88, 89, 90, 91, 93, 95
Cerâmica 7, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 157
Compartilhamento 27, 29, 30, 31, 38, 39, 41, 42, 92, 116, 122, 177, 326, 334, 344, 360
Comunidade de Aprendizagem 111, 362
Conhecimento 6, 7, 9, 10, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 14, 16, 17, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 55, 58, 62, 63, 64, 65, 73, 74, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 98, 113, 115, 116, 126, 127, 130, 132, 135, 136, 138, 140, 141, 149, 160, 161, 168, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 192, 201, 205, 206, 208, 210, 216, 219, 223, 235, 248, 265, 274, 276, 277, 278, 279, 292, 293, 295, 297, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 321, 323, 333, 335, 336, 338, 340, 342, 343, 344, 346, 349, 360, 361, 362, 363, 367, 368, 369, 371, 388, 390, 394, 405, 406, 407, 411, 414, 416, 418
Contabilidade Pública 83
Cooperação 7, 47, 93, 114, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 169, 170, 172, 180, 228, 229, 280, 361, 397, 398

D

Desastres Climáticos 7, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109
Desconsideração 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25
Desenvolvimento Econômico 5, 7, 25, 30, 124, 136, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 239, 241, 280, 360
Desenvolvimento Social 75, 140, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 194, 202, 348, 357
Direito empresarial 6, 20

E

Educação Intercultural 1, 13, 14
Ensino Prisional 53, 55
Estado 6, 8, 1, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 58, 61, 67, 75, 81, 103, 105, 110, 113, 114, 117, 120, 122, 130, 132, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149,

150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 183, 188, 189, 204, 206, 207, 208, 209, 222, 224, 230, 231, 235, 246, 247, 251, 252, 257, 263, 274, 316, 320, 326, 336, 348, 349, 351, 358, 371, 415

etnoReconhecimento 1, 2, 3, 17, 18

Extensão Acadêmica 111

G

Gestão 6, 8, 3, 5, 27, 28, 29, 30, 36, 37, 40, 41, 88, 89, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 130, 138, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 174, 175, 177, 187, 188, 190, 191, 198, 199, 200, 201, 202, 219, 223, 226, 228, 229, 230, 231, 236, 237, 238, 241, 242, 243, 281, 282, 295, 352, 357, 370, 388, 395, 397, 405, 416, 418

Gestão do conhecimento 6, 27, 29, 36, 40, 88, 174, 177

Guerreiro Ramos 6, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 80

I

Inovação 7, 27, 29, 36, 38, 39, 41, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 184, 269, 359, 360, 361, 364, 371, 375

Inteligência 6, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 52, 271, 272, 339, 340, 377

J

Justiça do trabalho 20, 21, 22, 24, 25

K

Karl Mannheim 68, 69, 70, 71, 81, 82

L

Liderança 7, 47, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 131, 156, 157, 165, 170, 171, 182, 280, 362

M

Municípios Paranaenses 7, 100, 102, 104

Museus 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 313, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 329, 330, 331

P

Personalidade Jurídica 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Pesquisa Aplicada 124, 125, 133

Pesquisa Básica 124, 125, 131

Planificação 6, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 116

Policial Militar 43, 45, 47, 48, 49

Prática Estratégica 53, 59, 61, 67

Projeto de Arte 111

Projeto de Remição pela Leitura 53, 57, 58, 60, 63

Psicologia Militar 43, 46

R

Reforma Trabalhista 6, 20, 21, 24, 25

Resiliência Financeira 7, 100, 101, 102, 104, 105, 108

Revisão sistemática 7, 88, 92, 95

S

Saúde do Trabalho 43

Segurança Pública 5, 6, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49

Suicídio 43, 47, 49, 50, 51, 52

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021